

# ORCHESTRUTOPICA

## FESTIVAL IN EXTREMIS

MÚSICA DOS EXTREMOS DA EUROPA

1 1 · 1 8 · 2 2 M A I O

A L E X A N D R E D E L G A D O

C A R L O S G U E D E S

I V O N I E L S S O N

J E S P E R N O R D I N

K A R I N R E H N Q V I S T

L U Í S T I N O C O

M A R I E S A M U E L S S O N

N U N O C Ô R T E - R E A L

P E R M A R T E N S S O N

S É R G I O A Z E V E D O

V A S C O M E N D O N Ç A

V Í T O R R U A

# músicas

## Os periféricos.

A ideia de que o centro é um lugar de virtudes precisa de ser repensada e deve ser enriquecida com outras possibilidades. Tradicionalmente, os grandes pólos de irradiação cultural e musical da Europa são os países mais ao centro: a França, a Alemanha, a Itália; ou aqueles que, pelo seu dinamismo, exercem a sua força centrípeta, como a excêntrica Inglaterra com o seu grande mercado musical e a sua singular lógica de pensamento sobre a música. No caso da música contemporânea, a questão não podia ser mais central. O destino dos compositores dos países periféricos impõe que se dirijam ao centro para tentar atingir a relevância e notoriedade internacionais necessárias para se libertarem da sua condição regional ou mesmo local. Só ganham relevo e projecção através do centro. Sabemos que alguns compositores contemporâneos famosos permaneceriam para nós desconhecidos se não tivessem sido atraídos para o centro do sistema internacional da nova música.

Na realidade, o centro é um problema. Portugal é um país periférico. E tão zelosos na autodepreciação somos, que julgamos ser os únicos. Não é assim. Alguns países com índices de desenvolvimento humano mais elevados também são periféricos. Não é possível mexer na geografia. Os países a que chamamos nórdicos (a Finlândia, a Suécia, a Dinamarca, a Noruega), mas também a Espanha,

a Grécia e muitos outros – são periféricos. No mundo de hoje, porém, já não podemos em rigor falar de centro, mas de vários centros. A pujança criativa de vários países “excêntricos” – os periféricos – bem como os seus índices de desenvolvimento humano e de consumo, e participação cultural, mostram que esses países se constituem antes como novos centros, pontos de uma série tendencialmente tão importante como o velho e, até aqui, único centro atrator e decisor. Vários pontos nodais que poderão ligar-se numa teia com novas atracções.

## Centros excêntricos.

A ideia de contrariar a periferia a que a geografia e a história nos condenaram, encontrou, na pequeníssima parte que nos cabe, uma forma no **Festival In Extremis – música dos extremos da Europa**. Muito simplesmente, trata-se de conjugar várias possibilidades e ideias: os extremos geográficos, os extremos estilísticos e estéticos.

O **Festival In Extremis** possui um formato limitado, e tem o objectivo de mostrar ou revelar a nova música de países que, com Portugal, partilham uma condição periférica. A ideia é utópica, certamente. Mas tem dado frutos. E tem vindo a ganhar adeptos. Fora e dentro. O que é um bom sinal. De resto, a ideia de criar outros centros é a que melhor corresponde ao conceito de rede. O próprio sistema internacional da música parece reconhecer esse facto e, lentamente, vai-se adaptando

# excêntricas

à existência de uma verdadeira teia de centros excêntricos.

## A nova música sueca.

Depois de, em 2003, termos cruzado a nova música da Finlândia e de Portugal na primeira edição do **Festival In Extremis**, este ano é da descoberta da nova música da Suécia que se trata – e que é razoavelmente desconhecida em Portugal (o inverso é igualmente verdadeiro).

A música sueca no século XX conheceu “o novo começo” (1940), uma primeira fase de reacção modernista e não-romântica no pós-guerra. Neste período, compositores como Karl-Birger Blomdahl, Ingvar Lidholm e Sven-Erik Bäck tiveram um impacto enorme no desenvolvimento posterior da moderna música sueca. A década de cinquenta trouxe um jovem grupo influenciado por Darmstadt, no qual se salienta Bengt Hambaeus (1928-2000) que introduziu a estética musical da Europa Central na Suécia.

Os anos sessenta marcam o surgimento de uma vanguarda inspirada por John Cage, com compositores como Jan W. Morthenson; mas, a escola polaca e Ligeti também exerceram a sua influência (Ligeti foi professor no Colégio Real de Música de Estocolmo durante vários anos). A década seguinte ficou conhecida como o “segundo novo começo”. Os desafios vanguardistas praticamente desapareceram e surge uma geração de compositores que inclui Sven-David

Sandström, Anders Eliasson e Miklós Maros que acentuaram o interesse pelo gesto modernista. A geração dos anos oitenta domina actualmente a cena musical sueca. Muitos dos compositores desta geração possuem um passado nos grupos *rock*, outros desenvolveram uma ligação altamente pessoal a partir da música erudita, como Ingvar Karkoff, ou a partir da música *folk* sueca, como Karin Rehnqvist. Os anos seguintes são marcados pela dissolução das fronteiras entre géneros e, actualmente, coexistem linguagens contraditórias e caleidoscópicas em termos de estilos e de estéticas.

São, pois, compositores suecos das mais recentes gerações que vamos conhecer hoje, ao lado de um conjunto de compositores portugueses escolhidos num vago paralelismo geracional e estilístico, numa demonstração de que a periferia é na realidade um centro. Excêntrico, é certo. Mas um centro.

## Pontos altos

Orgulhamos-nos de apresentar duas auspiciosas primeiras audições – assim cumprindo um dos nossos objectivos: ter um papel dinamizador e activo na criação musical contemporânea, agindo sobre o presente. *Where da raven blanches*, de Karin Rehnqvist e *Elegia para piano e ensemble*, op. 40 de Nuno Côrte-Real. Duas encomendas da OU, a primeira tornada possível graças ao apoio do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian e a segunda possível com o apoio da Fundação Centro Cultural de Belém.

# festival in extremis

## Música dos extremos da Europa

### OrchestrUtopica

**Ulrika Bodén** soprano

**Sofia Sandén** soprano

**Elisabeth Davis** percussão

**Elsa Silva** piano

**António Carrilho** flauta de bisel

**Sofia Norton** flauta de bisel

**Cesário Costa** maestro

**Pedro Pinto Figueiredo** maestro

## 11 Maio

### OrchestrUtopica

**Sofia Norton | António Carrilho**  
flautas de bisel

**Nuno Pinto**  
clarinete

**Pedro Pinto Figueiredo**  
maestro

**Vítor Rua** Duplicator II

**Per Martensson** rio > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL

**Vasco Mendonça** Cadaveri

**Jesper Nordin** Calm like a bomb > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL

**Luís Tinoco** Labirinto

## 18 Maio

### OrchestrUtopica

**Ulrika Bodén | Sofia Sandén**  
sopranos

**Elisabeth Davis**  
percussão

**Sérgio Azevedo** Berliner Trio > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL

**Carlos Guedes** Entre Nova Iorque e Cabul > PRIMEIRA AUDIÇÃO ABSOLUTA

**Alexandre Delgado** Suite "O doido e a morte"

**Karin Rehnqvist** Pulksanger – lockrop > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL\*

## 22 Maio

### OrchestrUtopica

**Ulrika Bodén**  
soprano

**Elsa Silva**  
piano

**Cesário Costa**  
maestro

**Marie Samuelsson** Flow > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL

**Karin Rehnqvist** Where the raven blanches > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL\*

**Ivo Nielsson** Rotorelef Suite > PRIMEIRA AUDIÇÃO EM PORTUGAL

**Nuno Côrte-Real** Elegia para piano e ensemble > PRIMEIRA AUDIÇÃO ABSOLUTA\*

\*ENCOMENDA DA ORCHESTRUTOPICA  
COM O APOIO FINANCEIRO DA FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

## compositores



**VÍTOR RUA** COMPOSITOR  
1961

Músico, compositor, improvisador e videasta, foi um dos fundadores do grupo rock GNR e criou, posteriormente, com Jorge Lima Barreto, o duo de música experimental/improvisada Telectu, no qual é músico e produtor. Intérpretes como Daniel Kientzy, John Tilbury, Frank Abbinanti, Peter Bowman, Kathryn Bennetts, Giancarlo Schiaffini, Bernini Quartet, Remix Ensemble, Drumming – Grupo de Percussão, e OrchestrUtopica gravaram ou interpretaram composições suas em concertos e festivais nacionais e internacionais. Compõe regularmente música para teatro, dança, cinema, vídeo e performance.

### DUPLICATOR

*Um dos objectivos desta minha composição é o de mostrar que a emergência de novas técnicas e tecnologias criativas são na realidade a continuidade de formas tradicionais de expressão artística que remontam há séculos.*

*Por essa razão eu escolhi misturar tão variados media como a electrónica, a banda magnética, a performance (vozes teatrais e gestos) e um instrumento ancião: a flauta de bisel.*

COPYRIGHT © 2007, VÍTOR RUA



**PER MARTENSSON** COMPOSITOR  
1967

Nascido em Östersund, Per Martensson estudou História das Ideias na Universidade de Estocolmo de 1989 a 1990 e composição no Royal College of Music de Estocolmo de 1990 a 1997, onde teve como principais professores Sven-David Sandström, Magnus Lindberg e Pär Lindgren. É principalmente um compositor de música instrumental embora também se interesse por formas que combinem música instrumental e electroacústica. Tem recebido encomendas da Orquestra Sinfónica da Rádio Sueca, da Orquestra

Sinfónica de Gotemburgo, da Orquestra de Câmara de Sundsvall, do Stockholm Chamber Brass e da companhia Landis&Stefa. Escreveu música para produções de cinema e de dança e trabalhou também como arranjador. Como jornalista publicou artigos no jornal de música *Nutida Musik* e na antologia *Notera tiden* (*Note the time*, 1996), publicada pela Academia Real de Música da Suécia. Desde 1996 ensina composição e composição assistida por computador na Escola de Música de Gotland. Entre 1997-1998 estudou em Paris, no IRCAM. Recebeu da Academia Real de Música da Suécia uma bolsa em 1995 e 1997 e também uma bolsa Peterson-Berger em 1997. No ano 2000 ganhou o prémio Christ Johnson Music pelo seu *Concerto para violino*.

### TRIO 1999

*Nesta obra levei ao extremo alguns aspectos da minha linguagem musical – material altamente denso e gestos modernistas coloridos. A introdução é explosiva e um pouco exibicionista. Para o desenvolvimento dos acontecimentos utilizei o conceito de montagem do videoclipe do rock. Os “cortes” de planos são cada vez mais longos e finalmente a música torna-se evasiva e introspectiva. Depois, o processo é repetido, produzindo uma forma ABAB inesperadamente simples.*

*A peça foi encomendada pelo Conselho das Artes Sueco para o ensemble Trio Obscura. Foi apresentada pela primeira vez no Museu de Arte Moderna de Estocolmo em 1999. Desde aí tem sido apresentada inúmeras vezes tanto por toda a Europa como nos EUA.*

COPYRIGHT © 2008, PER MARTENSSON



### VASCO MENDONÇA COMPOSITOR 1977

Vasco Mendonça tem tido obras executadas em Portugal e no estrangeiro, em salas como Het Concertgebouw, Ysbreker (Amesterdão), Vredenburg (Utrecht), Beursschouwburg (Bruxelas), Royal Northern College of Music (Manchester), Casa da Música, Centro Cultural de Belém e Culturgest. Estreias recentes incluem *Shadow Circles* (encomenda Casa da Música) e *Reset* (co-produção Culturgest/Muziektheater Transparant), e *Cadaveri*, gravada pelo Trio Mediterrain na Editora Classic Concert Records. Com obras encomendadas por diversas instituições e grupos portuguesas (como o Festival de Música de Mafra, Festival de Música de Coimbra, Câmara Municipal de Matosinhos, Teatro S. Luiz, Casa da Música, Museu do Fado, Remix Quartet, Trio Mediterrain), tem tido igualmente participações em importantes

festivais e eventos nacionais e internacionais (como a Gaudeamus International Contemporary Music Week, Haarlem International Choir Festival, Ilios Contemporary Music Festival, Festival de Música do Estoril ou Faro Capital da Cultura). Entre os intérpretes da sua música encontram-se prestigiados agrupamentos europeus, como o Asko Ensemble, Nieuw Ensemble, Remix Ensemble, Orquestra Gulbenkian e Orquestra Nacional do Porto. A sua obra *Cadaveri* foi recentemente gravada pelo Trio Mediterrain, na editora austríaca Classic Concert Records. Entre os seus prémios e distinções incluem-se o Prémio Lopes-Graça de Composição 2004 e compositor em Residência na Casa da Música 2007. A sua obra *Reset* foi subsidiada pelo Ministério da Cultura em 2006, e foi-lhe atribuída, em 2007, uma bolsa de Doutoramento pela Fundação Ciência e Tecnologia. Mendonça obteve a Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, tendo completado, em 2004, o Mestrado em Composição no Conservatorium van Amsterdam, sob a orientação de Klaas de Vries. Encontra-se presentemente a preparar o Doutoramento em Composição, sob a orientação de George Benjamin (King's College London) e João Pedro Oliveira (Univ. Aveiro).

### CADAVERI 2005

*Cadaveri é uma narrativa de elementos inacabados, por aperfeiçoar, de objectos provenientes de um universo criado na fase embrionária do processo composicional: o momento em que o material abandona o silêncio da estrutura e se transforma em gesto.*

*Este material, estas relações de tempo e altura, são nesse momento afectadas por um processo semelhante ao de uma reanimação: à medida que se desenhavam mais ou menos secretamente formas, planos, linhas dramáticas, a distância transforma-se em duração: corpos inertes, potenciais, transfiguram-se, existem no tempo, como cadáveres temporariamente resgatados ao silêncio.*

*De uma forma mais ou menos aparente, cada movimento de Cadaveri foi desenvolvido a partir de uma ideia anterior ao próprio material: nota repetida, fluxo constante, etc. Esta abordagem conceptual permitiu que a narrativa se definisse com algum grau de rigor, antes da concretização rigorosa dos elementos lexicais que a integrariam. Por essa razão – a da predominância da dramaturgia sobre o material – pareceu-me adequado estabelecer processos composicionais que integrassem algum grau de automatismo, e consequente circularidade: desta forma, uma vez definida a natureza dos mecanismos em operação, e o período dos respectivos ciclos, o acto composicional consistiu essencialmente na acção (de natureza eminentemente formal) de iniciar e interromper.*

*Pretendi que a natureza desta acção fosse coerente com a natureza do material e dos processos utilizados. Por um lado, não houve qualquer intenção de suavizar a natureza brusca de inícios e interrupções*

*(tal como não houve anteriormente a intenção de aperfeiçoamento dos objectos); por outro, o ponto de mudança, de início ou interrupção, corresponde ao momento em que o próprio processo se esgota, desvendando-se. Em cada repetição assistimos a um progressivo enfraquecimento do conteúdo narrativo; em cada repetição se vai revelando a natureza ilusória do desenvolvimento, e a importância dramática dessa ausência de progressão: a nossa atenção ao que é dito transfere-se para a percepção de que o que é dito, o é incessantemente; o processo – repetição e fluxo – transforma-se em significado.”*

COPYRIGHT © 2005, VASCO MENDONÇA



### JESPER NORDIN COMPOSITOR 1971

A música de Jesper Nordin, com os seus traços que cruzam a música tradicional sueca, o rock e a música improvisada, é tocada por todo o mundo por solistas, ensembles e orquestras sinfónicas de primeiro plano. Com a peça *Calm like a bomb*, atraiu, em 2000, as atenções internacionais. Esta peça tem sido regularmente interpretada por agrupamentos como ASKO ensemble, l'Itineraire e o San Francisco Contemporary Music Players. Jesper Nordin tem recebido prémios em numerosos concursos de composição na Europa e nos EUA, por exemplo no Rostrum da UNESCO. A sua música tem sido difundida através de estações de rádio de todo o mundo e tem sido apresentada em Festivais como ISCM, Gaudeamus, ICMC e Résonances. Depois dos seus estudos no Royal College em Estocolmo, Stanford University (EUA) e no IRCAM em Paris, foi nomeado compositor em residência na Rádio Nacional Sueca entre 2004-2006. Em 2006 a rádio sueca lançou um CD monográfico com a sua música intitulado *Residues*, que inclui algumas das suas mais importantes obras.

### CALM LIKE A BOMB PARA VIOLINO E BANDA MAGNÉTICA 2000

*calm like a bomb foi encomendada pelo Svenska Rikskonserten (Instituto Sueco de Concertos) para Daniel Möller, músico do KammarensembleN. A banda magnética é construída com base em gravações do violinista Daniel Möller, da cantora de música folk sueca Sofia Karlsson e do guitarrista e mandolinista Fredrik Lindqvist executando improvisações e uma canção de embalar escrita pelo pai do compositor. O seu título é extraído de um tema do grupo de rock Rage against the machine. calm like a bomb ganhou o prémio Ton Bruynél na Holanda, o segundo lugar*

*no Salvatore Martirano Award nos EUA, o concurso Luigi Russolo em Itália e o terceiro lugar no concurso Pierre Schaeffer em França.*

COPYRIGHT © 2008, JESPER NORDIN



### LUÍS TINOCO COMPOSITOR 1969

Nasceu em Lisboa e formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura, completou um mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres. Presentemente encontra-se a fazer estudos de Doutoramento na Universidade de York, sob orientação de Nicola Lefanu.

Em 1999 foi-lhe atribuído o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte, pelo IPAE/Ministério da Cultura Português. Foi também distinguido com os prémios de composição Lopes-Graça, Cláudio Carneiro, Galliard Ensemble e, na Royal Academy of Music, foram-lhe atribuídos os prémios Edward Echt, Mosco Carner, Battison Haynes, Charles Lucas e Howard Carr Memorial Prize.

A sua música tem sido programada por agrupamentos e orquestras nacionais e internacionais, tais como: Quarteto Arditi, Apollo Saxophone Quartet, Drumming Grupo de Percussão, Birmingham Contemporary Music Group, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Ensemble Lontano, Galliard Ensemble, Le Nouvel Ensemble Moderne, Remix Ensemble, Solistas da Ópera de Berlim, OrchestrUtopica, Orquestra de Cordas da Filarmónica Eslovena, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Gulbenkian, Albany Symphony Orchestra, El Paso Symphony Orchestra, Orquestra Filarmónica de Turim, Royal Philharmonic Orchestra e a Orquestra Sinfónica do Utah.

Paralelamente à sua actividade enquanto compositor, tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e divulgador musical, destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP, como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música e, mais recentemente, assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos. Projectos futuros incluem a estreia de uma nova peça para soprano e orquestra em Setembro de 2008, co-encomendada pela Orquestra do Algarve e pela Orquestra Sinfónica de Albany, NY; e a apresentação de *Short Cuts C*, na nova temporada da Orquestra Sinfónica de Chicago, integrada no ciclo New Music Series.

Luís Tinoco é compositor associado da Orquestra do Algarve para a temporada de 2007/2008 e a sua música é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press.

### **LABIRINTO** **PARA ENSEMBLE DE CÂMARA** 2005

*Labirinto foi escrito em 2005, em resposta a uma encomenda da Camerata Senza Misura. A ideia de labirinto foi surgindo gradualmente, durante o processo de composição. A peça foi pensada e estruturada em torno de uma voz principal, o clarinete, que funciona como um fio condutor que vai gerando e recuperando os motivos principais que são repetidos e desenvolvidos pelos restantes instrumentos. O discurso é constantemente fragmentado em pequenos segmentos que vão sendo justapostos. Por vezes, perde-se a sensação de linearidade, como se os materiais se fossem dispersando num processo labiríntico. Contudo, o clarinete acaba por garantir a continuidade pontualmente perdida e indicar os caminhos para a solução do problema.*

*Labirinto é dedicado a um músico que muito admiro, o clarinetista Nuno Pinto.*

COPYRIGHT © 2007, LUÍS TINOCO



### **SÉRGIO AZEVEDO** COMPOSITOR 1968

Nasceu em Coimbra e estudou composição na Academia de Amadores de Música com Fernando Lopes-Graça. Concluiu os estudos superiores de composição com 20 valores na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalhou com Constança Capdeville e Christopher Bochmann. Ganhou diversos prémios de composição, nacionais e internacionais, e as suas obras têm sido encomendadas e tocadas em vários países pelos mais prestigiados intérpretes, como Cesário Costa, Artur Pizarro, António Rosado, Luca Pffaf, Álvaro Cassuto, Lorraine Vaillancourt, Brian Schembri, Fabian Panisello, Aline Czerny, Marc Foster, Ronald Corp, Remix Ensemble, OrchestrUtopica, Galliard Ensemble, Proyecto Gerhard, Le Concert Impromptu, Ensemble Télémaque, Plural Ensemble ou o Nouvel Ensemble Moderne. Publicou, em 1999, *A Invenção dos Sons* (Caminho), em 2007, *Olga Prats – Um Piano Singular* (Bizâncio), e colabora com The New Grove Dictionary of Music and Musicians. É professor na ESML e foi colaborador da RDP – Antena 2 entre 1993 e 2006. Foi ainda membro do CESEM desde a sua fundação até 2006. Está actualmente (2008) a realizar o doutoramento no Instituto de Estudos da Criança

(IEC), da Universidade do Minho, sob a orientação de Elisa Lessa e Christopher Bochmann, com um projecto de composição de uma ópera infantil, sendo ainda o responsável artístico da edição crítica das obras de Fernando Lopes-Graça, iniciativa do Museu da Música Portuguesa (Cascais). A sua música é publicada desde 2007 pela editora AVA – Editions (www.editions-ava.com).

### **BERLINER TRIO** 2006

*O Berliner Trio é uma grande passacalha de 15', um conjunto massivo de doze variações sobre um tema melódico obstinado, que se mantém sempre – pouco ou nada alterado – de variação para variação. Este tipo de técnica interessa-me muito, pois permite-me olhar para um objecto, neste caso o tema, de vários ângulos diferentes. Tal como no Monet da Catedral de Rouen ou da Gare Saint-Lazare, em que as diversas tomadas de vista, a diferentes horas do dia, originam percepções diversas do objecto retratado, através da passacalha é também possível ouvir o tema a uma luz harmónica sempre cambiante. Passaggio foi escrita em intenção da saída do professor Christopher Bochmann da ESML, como uma peça de despedida, e que entretanto, por coincidir no tempo, acabou por fazer parte das peças que escrevi por encomenda do Conservatório das Caldas da Rainha para a violoncelista Raquel Reis, que a estreou.*

COPYRIGHT © 2006, SÉRGIO AZEVEDO



### **ALEXANDRE DELGADO** COMPOSITOR 1965

Natural de Lisboa, Alexandre Delgado estudou violino na Fundação Musical dos Amigos das Crianças. Aluno de Joly Braga Santos entre 1981 e 1985, compôs aos 16 anos o *Prelúdio para cordas*, estreado pela Orquestra Sinfónica da RDP em 1982. Prosseguiu os estudos de composição com Jacques Charpentier no Conservatório de Nice entre 1986 e 1989, tendo-se diplomado em 1990 com o 1.º prémio. Em 1992 obteve o Prémio João de Freitas Branco e recebeu encomendas de festivais do País de Gales e de Londres. A sua obra *Antagonia para violoncelo solo* foi seleccionada pelo júri da ISCM para os Dias Mundiais da Música 93, na Cidade do México. O seu *Quarteto de cordas* foi gravado pelo Quarteto Arditti (Etcetera, 2001).

É autor da ópera de câmara *O Doido e a Morte* (encomenda de Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura), cuja estreia dirigiu no Teatro Nacional de São

Carlos em 1994 e no Teather Am Halleschen Ufer em Berlim em 1997. Em Março de 2001 foi compositor convidado do Festival de Maastricht, onde foram executadas sete obras suas. Em Julho de 2007, estreou em Santiago de Compostela um quinteto para piano, violino, viola, violoncelo e contrabaixo, encomendado pelo festival CAMERALIA 07. Trabalha presentemente na ópera *A Rainha Louca*, cuja abertura foi executada no Rudolfinum de Praga em Abril de 2008.

Como violista, estudou com Barbara Friedhoff e venceu o Prémio Jovens Músicos da RDP em 1987. Integrou a Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia, onde tocou sob a direcção de Claudio Abbado (1988-1989) e foi membro da Orquestra Gulbenkian entre 1991 e 1995. Desde então é *free-lancer* como compositor e como intérprete, dedicando-se especialmente à música de câmara. Foi membro fundador do Quarteto Lacerda e integra actualmente o Moscow Piano Quartet (desde 2005), fazendo concertos regulares no país e no estrangeiro. Fez recitais com piano em Paris e em Roma e gravou com Bruno Belthoise a *Sonatina para viola e piano* de Armando José Fernandes (Disques Coriolan, 2002). Actuou como solista com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Extremadura e a Orquestra do Conservatório de Maastricht, tendo estreado o seu *Concerto para viola e orquestra* (2000) em Portugal, Espanha e Holanda.

Assina o programa A Propósito da Música na Antena 2 desde 1996 e é autor dos livros *A Sinfonia em Portugal* (Caminho 2002) e *A Culpa é do Maestro* (Caminho 2005), compilação da crítica musical que fez no *Diário de Lisboa* e no *Público* entre 1990 e 2000. Director artístico do Festival de Música de Alcobaca desde 2002, é regularmente convidado como conferencista e comentador de concertos pela Fundação Gulbenkian e pelo Teatro Nacional de São Carlos. Organizou em 2005 o Festival Luís de Freitas Branco, que envolveu as principais instituições musicais portuguesas, e coordenou e co-assinou o livro *Luís de Freitas Branco* (Caminho 2007), primeira obra de fundo dedicada ao compositor.

### **SUITE “O DOIDO E A MORTE”** 1995 **PARA FLAUTA, FLAUTA BAIXO,** **MARIMBA E VIBRAFONE**

OBRA DEDICADA AO DUO MACHINA MUNDI (KATHARINE RAWDON, FLAUTAS E ELIZABETH DAVIS, PERCUSSÃO) PARA O FESTIVAL DUSSELDORFER ALTSTADT HERBST, 1995 (DUSSELDORF, ALEMANHA)

*A suite O Doido e a Morte tem como base a minha ópera de câmara homónima, estreada no Teatro Nacional de São Carlos em Novembro de 1994. Combinando o burlesco e o trágico, a farsa de Raúl Brandão é a história do confronto entre o prosaico Governador Civil e o louco e sábio Senhor Milhões, que pretende explodir tudo com o seu peróxido de azoto, para acabar com todas as injustiças. Escrita para o duo Machina Mundi em Julho de 1995, a suite*

*foi estreada por Katharine Rawdon e Elizabeth Davis em Dusseldorf, em Novembro do mesmo ano.*

*Dos dez números da ópera (Prólogo, 8 Variações e Epílogo), são utilizados quatro nesta suite: a 1.ª variação, durante a qual o Governador se enfurece com a interrupção do polícia Nunes (Animado, flauta baixo e marimba); a 2.ª Variação, em que o Governador reage temperamentalmente ao anúncio da visita do “homem mais rico de Portugal” (Caprichoso, flauta soprano e marimba); a 4.ª Variação, em que o Senhor Milhões revela a angústia que o leva a querer explodir com tudo (Meditativo, vibrafone e flauta baixo); e o Epílogo, em que o Governador se humilha até à abjecção no minuto que antecede a “hecatombe” – para descobrir in extremis que a caixa só contém algodão.*

COPYRIGHT © 2008, ALEXANDRE DELGADO



### **CARLOS GUEDES** COMPOSITOR 1968

Nascido no Porto, Carlos Guedes completou o bacharelato em Composição na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo em 1993 e obteve o grau de Mestre pela Universidade de Nova Iorque em 1996. Da sua formação constam ainda diversas *master-classes* e uma pós-graduação em Música Electrónica pelo Instituto de Sonologia de Haia.

Em 2005, terminou o doutoramento em Composição pela Universidade de Nova Iorque, onde exerceu o cargo de “Graduate Assistant” no curso de Composição do Department of Music and Performing Arts, de 1996 a 1998.

Teve como principais professores de composição Fernando Lapa, Ken Valitsky, Andrew Imbrie, Marc Consoli, Tristan Murail e Clarence Barlow.

Carlos Guedes é coordenador, desde 2003, do curso de Composição da ESMAE onde lecciona as cadeiras de Composição, Composição Electroacústica e Design nos Departamentos de Música e de Teatro.

Como investigador, tem apresentado várias conferências e trabalhos no campo da implementação algorítmica de processos de composição e tratamento em tempo real. Enquanto compositor, tem desenvolvido trabalhos em colaboração com artistas de outras áreas, especialmente Dança, Teatro e Cinema. Tem realizado igualmente diversas instalações interactivas.

### **ENTRE NOVA IORQUE E CABUL** 2004

*Mourir beaucoup: Entre Nova Iorque e Cabul é o nome de um filme do realizador Saguenail para o qual fiz a música em 2004. A banda sonora deste filme articula-se em cinco andamentos: Entre, Nova Iorque,*

*E, Uma dedicatória*, Entre Nova Iorque e Cabul. Os quatro primeiros andamentos são puramente instrumentais, e o último (Entre Nova Iorque e Cabul) é um longo andamento de 21 minutos de duração, pertencendo à secção central do filme da mesma duração. Nesta secção, o som do quarteto instrumental (sax soprano, viola, violoncelo e contrabaixo) é altamente manipulado electronicamente, em tempo não real, sendo para já impossível a sua execução pública. Neste concerto, ouvir-se-ão então, em estreia absoluta em concerto, os andamentos *Entre*, *Nova Iorque*, *E*, *Uma dedicatória*. A dedicatória é ao Saguenail.

COPYRIGHT © 2008, CARLOS GUEDES



## MARIE SAMUELSSON

COMPOSITORA  
1957

Estudou composição no Royal College of Music de Estocolmo entre 1987 e 1995 com Sven-David Sandström e Daniel Börtz, bem como composição electroacústica com Pär Lindgren. Antes disso estudou piano clássico e voz e foi membro de vários grupos rock e de música improvisada e compôs música para muitas produções de dança (com o coreógrafo Per Jonsson). Em 2001, complementou os seus estudos no IRCAM, em Paris, numa classe de composição assistida por computador destinada a compositores profissionais. Estudou ainda com o compositor inglês George Benjamin.

A música de Marie Samuelsson tem sido excelentemente recebida pela crítica, destacando-a como uma das mais importantes compositoras suecas. Samuelsson compõe música instrumental e electroacústica. Marie Samuelsson é membro da Academia Real Sueca de Música.

Algumas das suas mais importantes obras são *Singla, para orquestra*; *Sorgestråk (Paths of sorrow)* para orquestra de câmara; *Fear and Hope for orchestra*, entre outras. Durante o ano de 2004 o quinteto Lufttrumma II (Air Drum II) foi muito bem recebido nas celebrações dos vinte anos do KammarensembleN em Estocolmo, dirigido por Frank Ollu. A peça para orquestra *Lufttrumma III (Air Drum III)* foi tocada pela Orquestra Sinfónica da Rádio Sueca, em 2000, e transmitida pela TV, e de novo repetida pela Orquestra Sinfónica de Norrköping em 2004. A sua obra para orquestra de cordas *Rotationer (Rotações)* foi apresentada em inúmeros concertos na Suécia, no IRCAM, em Paris, e em Darmstadt. A peça radiofónica *Talkörer (Spoken Chorus)* foi emitida várias

vezes pela rádio sueca P1/P2, e *I am – are You?*, *Signal*, e *I vargens öga (In the Eye of the Wolf)*, têm sido apresentadas em inúmeros concertos e festivais na Suécia, França, Itália, Lituânia, Kosovo, África do Sul, Hungria, Rússia e Turquia, e em diversas cidades ds EUA e da América do Sul.

A música de Marie Samuelsson tem sido caracterizada tanto pelo seu lado físico directo, como por expressões como “música com uma forte expressão poética” e “com um fluxo sonoro e rítmico omnipresente.”

## FLOW (FLUXO), PARA ORQUESTRA DE CÂMARA 2000

*Esta obra foi composta por entre uma sensação ou imagem de pequenos seres que são, afinal, talvez, puros motivos musicais. Os motivos são simples no início, mas quando a música acelera são empurrados para novas combinações e transformações, novas perspectivas, torrentes e direcções que surgem.*

*Flow foi estreada pelo KammarensembleN em Estocolmo, em 2000, e foi apresentada também em Norrköping. A peça fez parte do Festival de fim-de-semana dedicado à sua música no Stockholm Concert Hall, em 2007, tendo sido dirigido por Eva Ollikainen. A peça foi encomendada pela Sociedade de Concertos Sueca.*

*Uma torrente de trabalho escolhe, desliza, acontece às vezes como parte do processo de composição. Talvez esta peça seja como uma descrição escrita desse estado.*

COPYRIGHT © 2007, MARIE SAMUELSSON



## KARIN REHNQVIST

COMPOSITORA  
1957

É uma das compositoras escandinavas mais conhecidas e interpretadas, sendo as suas obras apresentadas por toda a Europa, EUA e Escandinávia. A sua música inclui música de câmara, orquestral, música de cena e vocal. Acima de tudo, Karin aprecia trabalhar com formas e ensembles pouco usuais e multidisciplinares. A sua obra revela uma característica muito forte: a exploração de áreas de criatividade musical entre a música folk e a música de tradição erudita. Estes elementos nunca são usados como mero efeito ou citação nostálgica. Em particular, Karin Rehnqvist tem vindo a explorar o extraordinário e dramático efeito da técnica vocal do *Kulning* (chamamento do gado).

Entre 1976 e 1991 Karin Rehnqvist foi maestrina e directora artística do Coro Stans Kör. Esta experiência cimentou a sua afinidade especial com a música vocal, bem como o seu interesse em formas inovadoras de apresentação de concertos.

Entre 2000 e 2004 foi *Composer in Residence* na Scottish Chamber Orchestra e na Svenska Kammarorkestern. Para estes agrupamentos compôs uma série de obras, incluindo um concerto para o jovem clarinetista Martin Fröst, e a obra sinfónica frequentemente tocada *Arktis Arktis!*, inspirada numa expedição ao Pólo Norte no verão de 1999.

A capacidade de escrever para músicos de diferentes níveis, em especial jovens instrumentistas, tem sido muito elogiada. A sua música não faz compromissos e é um desafio para os músicos, embora tenha em conta os seus limites técnicos. Recentemente, o seu coral *Light of Light (Luz da Luz)*, que pede um coro de crianças e uma orquestra sinfónica, foi altamente elogiado pela crítica na sua primeira apresentação em Paris, em 2004.

Karin Rehnqvist recebeu inúmeros prémios: em 1996 o Prémio Låkerol Arts “pela renovação da relação entre música folk e música erudita”. No mesmo ano recebeu o Prémio Spelmannen atribuído pelo jornal *Expressen*, e, em 1997 o Prémio Christ Johnson pela peça *Solsången (Canção do Sol)*. Em 2001 recebeu o prémio Kurt Atterberg e em 2005/2006 o prémio Rosenberg Award.

Em Abril de 2006, Rehnqvist foi o centro de uma grande retrospectiva apresentada pela Royal Philharmonic Orchestra de Estocolmo. Para além de apresentar um conjunto relevante das suas obras, a orquestra também lhe encomendou uma obra nova: *Preludes – para grande orquestra*, que foi recebida com aplauso unânime da crítica.

## PULKSÅNGER – LOCKROP 1989 (TIMPANUM SONGS – CHAMAMENTOS DE GADO) PARA DUAS VOZES FEMININAS E PERCUSSÃO

*Puksånger-lockrop foi encomendada pela Sociedade de Concertos Sueca para a edição de 1989 do Festival de Música Folk de Falun. Basicamente a intenção era a de investigar as potencialidades da voz, tendo em conta as técnicas vocais usadas pela antiga música folk sueca e especialmente a técnica conhecida por kulning, a técnica solística usada antigamente nos campos para reunir o gado comunicando a longas distâncias. Isto foi possível porque a partir de 1989 surgiram duas cantoras suecas (Lena Willemark e Susanne Rosenberg) com uma encomenda tendo em vista música folk e música erudita.*

*Eu queria justapôr as vozes com a percussão, e especialmente com os timpani, os mais sofisticados de todos os instrumentos de percussão. O tremendamente agudo e concentrado contra o tremendamente grave e surdo, mas, ambos, modos de expressão tremendamente originais e corpóreos.*

*Conceptualmente, coloquei-me questões sobre o concreto, o diurno, enquanto oposto ao intangível e místico lado da existência (o observador notará que ambos os níveis existem em simultâneo). Palavras opostas a sons, sons opostos ao silêncio, inteligível oposto à linguagem ilegível, delicado contra expressão crua e dura...*

*Porque o kulning através dos tempos tem sido uma modo de expressão feminino (o que foi, provavelmente de modo inconsciente, uma das razões para eu decidir trabalhá-lo), tive oportunidade de pensar de forma mais palpável sobre as mulheres e a criatividade musical – questões que, inegavelmente, uma pessoa deve pensar e que, de tempos a tempos, estão muito no meu espírito.*

COPYRIGHT © 1989, KARIN REHNQVIST

## WHERE THE RAVEN BLANCHES [DÅR KORPEN VITNAR (ONDE O CORVO EMBRANQUECE)] 2007

*Onde o corvo embranquece é uma peça em quatro andamentos e três interlúdios para uma cantora de música popular e doze músicos.*

*O primeiro andamento, sugestivo no seu carácter, utiliza palavras de feitiços e encantamentos.*

*Onde o corvo embranquece onde o cisne enegrece onde flutuam as pedras cinzentas – tenta-me*

(TRADUÇÃO LIVRE A PARTIR DE FEITIÇOS E ENCANTAMENTOS SUECOS)

*O segundo andamento é uma lição sobre como curar uma vaca tristonha. Nossa Senhora, doce mãe, está a passear nos verdes campos quando encontra o seu bondoso filho.*

*– Que procurais Vós, minha mãe adorada? – Procuo o meu abelhão, pois a minha vaca está tão Fraca do leite, do coração, do fígado, dos pulmões, do sangue e da barriga e a alimentar-se mal.*

*Os dois decidem pôr sal e malte na boca da vaca. Assim ela deveria restabelecer-se! A música é mais humorística. A cantora de música popular, que canta tanto a parte de Nossa Senhora, como a do Menino Jesus, deve, por exemplo, cantar com “voz púbere de rapaz” quando faz de Menino Jesus.*

*O terceiro andamento é uma canção de louvor, um salmo:*

*Louvado sois Vós, graças a quem Nós acordamos felizes cada dia*

*Estas palavras são cantadas pesarosamente, em tentativas, e passa-se então para o texto:*

*O Terror penetra no meu coração Tremo, cheio de angústia*

*O último andamento retrata um pesadelo.*

*Tive um sonho mau estava frente ao mar De repente o sol incendiou-se Pássaros a quincar no céu O bater das suas asas a avisar-nos dos maus tempos que se aproximam*

*O meu ponto de partida foram as “perseguições de bruxas” que se fizeram na Europa, de Norte a Sul, nos*

séculos XV e XVI. As pessoas, sobretudo mulheres, eram, sem qualquer fundamento, condenadas à morte na fogueira por feitiçaria, bruxaria ou por acordos com Satã. Estes julgamentos foram especialmente grotescos no Norte da Europa, onde até crianças foram usadas como informadoras e como testemunhas, muitas vezes seduzidas com comida.

(De facto, o poema no segundo andamento sobre a vaca tristonha é tirado dos registos de um julgamento levado a cabo na Igreja de Torsåkers, no nordeste da Suécia). Eu passei vinte verões naquela área desde 1980. Duzentos anos antes, setenta e uma pessoas foram ali “julgadas”, sessenta e cinco mulheres (um quinto das mulheres da paróquia) dois homens e quatro rapazes. Foram todos mortos e queimados na fogueira, a 1 de Julho de 1675.

Ao criar esta peça, imaginei uma mulher dessa época, o que a rodeava, como ela seria. Quão perto da natureza estaria, como acreditava em todo o tipo de criaturas, a omnipresença do mágico e do místico, a igreja (cujos padres eram muitas vezes a força motora dos julgamentos de bruxas), os poderosos, o humorístico. As mulheres que foram acusadas eram muitas vezes as mais capazes; as suas vacas davam possivelmente mais leite do que as dos vizinhos, conseguiam curar doenças, eram capazes de identificar ervas medicinais, etc.

Só quando acabei de compor a peça é que soube que o texto do pesadelo, no último andamento, tinha sido composto por uma autora romani contemporânea, Rosa Taikon. Este facto fez com que eu ligasse a perseguição (caça às bruxas) de indivíduos e grupos aos nossos dias de forma dolorosamente directa e clara.

Onde o corvo embranquece foi composto para a cantora de música popular Ulrika Bodén e para a OrchestrUtopica (Lisboa, Portugal), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian / Departamento de Música e a Nordic Chamber Ensemble, (Sundsvall, Suécia) e o BIT 20 – Ensemble (Bergen, Noruega).

## Textos

### 1. Onde o corvo embranquece

Quando o corvo embranquece  
Quando o cisne enegrece  
Quando as pedras cinzentas flutuam  
– Seduz-me  
Onde o corvo embranquece  
Onde o cisne enegrece  
Onde as pedras cinzentas flutuam

(TRADUÇÃO LIVRE A PARTIR DE FEITIÇOS E ENCANTAMENTOS SUECOS)

### 2. Recitativo para uma vaca tristonha

Nossa Senhora foi passear nos verdes campos  
E encontrou o seu santo Filho, tão doce.  
Que procurais minha querida Mãe?

– Procuo o meu abelhão, pois a minha vaca está tão fraca do leite, do coração, do fígado, dos pulmões, do sangue e da barriga e a alimentar-se mal.

O Menino e sua Mãe pensaram num remédio.

Curá-la queremos os dois,  
Se um pouco de malte e sal  
Dentro de sua boca deitarmos,  
Logo se curará.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

(FEITIÇO TRADICIONAL SUECO PARA A CURA DE CRIATURAS TRISTONHAS, CITADO NA TRANSCRIÇÃO DO JULGAMENTO DE TORSÅKER NA SUÉCIA) TRADICIONALMENTE O ABELHÃO ESTAVA RELACIONADO COM LEITE E ORDENHA

### Músicos:

– Eu corto e corto e corto  
– Eu ato-te, ato-te, ato-te  
– Eu queimo-te, eu queimo-te

(TRADUÇÃO LIVRE A PARTIR DE FEITIÇOS E ENCANTAMENTOS SUECOS)

### 3. Louvor a sóis

Louvado sois Vós graças a quem  
Felizes acordamos cada dia  
O novo dia brota, irrompe viçoso  
Um dia que também desaparece  
Tal como o de ontem se foi  
Oh! possamos nós reflectir  
Nestes caros momentos fugazes  
Oh! vamos perceber bem  
O que Deus espera de nós  
E fazer tudo o que pudermos  
Para respeitar o Seu espírito.  
Acordar cada dia em oração  
E não lamentar a nossa sorte  
Mas ilumina os nosso caminho para os dias

Em que, aceitando, nós esperamos.

(I-O WALLIN, DO LIVRO DE SALMOS SUECO)

O Terror penetra no meu coração  
Tremo, cheio de angústia.

### 4. Tive um sonho mau

Tive um sonho mau – ai ai  
Estava frente ao mar  
De repente o sol incendiou-se  
Pássaros a guinchar no céu  
O bater das suas asas a avisar-nos  
Dos maus tempos que se aproximam.

(ROSA TAIKON)

– Eu vejo o corvo  
– Eu vejo o cisne

TRADUÇÃO DE SUECO PARA PORTUGUÊS: SOFIA NORTON  
COPYRIGHT © 2007, KARIN REHNOVIST



## IVO NILSSON COMPOSITOR

1966

Fez os seus estudos musicais do Royal College of Music de Estocolmo e no IRCAM em Paris. Em 1989 o seu Octet recebeu um prémio do Ensemble L'itinéraire para a Radio France. Desde aí a sua música tem sido interpretada por agrupamentos e ensembles como Cantus, Ensemble Son, Ensemble Recherche, KammarensembleN, Nouvel Ensemble Moderne, Orchestre des Flûtes Français, Kammerensemble Neue Musik Berlin e Slowind, e em festivais como a Biennale di Venezia, Gaudeamus Music Days (Amesterdão), Huddersfield Contemporary Music Festival, Ilhom (Tashkent), Musica (Strasbourg), Roaring Hoofs (Mongolia), 2 Days and 2 Nights (Odessa), Sonorities (Belfast), Spazio Musica (Cagliari), Spectra (Tirana), Time of music (Viitasaari), Ultima (Oslo), Warsaw Autumn, Nordic Music Days (Copenhaga) e the World Music Days in Zagreb.

A sua música também foi gravada e difundida pelas emissoras de rádio BBC, DR, RNE, SR e YLE e pelas etiquetas discográficas Ariadne, Phono Suecia e SFZ Records.

Ivo Nilsson foi director artístico do Festival de Nova Música de Estocolmo de 2003 a 2005.

### ROTORELIEF, SUITE 1999-2001

Rotorelief é o título de doze espirais em seis discos que Marcel Duchamp imprimiu em 1935. A ideia original seria que elas deveriam ser tocadas num gira-discos para se transformarem em mobiles tridimensionais. Tal como no duplo sentido da palavra “relief” [alívio/relevo], este efeito é suposto ser visual e transcendental.

Quando vi as espirais em acção pela primeira vez, a minha reacção imediata foi: que som deverão ter? Decidi então seguir a minha imaginação, escrevendo uma peça para cada uma delas. Os títulos dos “reliefs” bem como dos movimentos da minha peça, são: Verre de bohême; Montgolfière; Spirale blanche; Lampe; Lanterne chinoise; Poisson japonaise; Cerceaux; Cage; Oeuf à la coque; Éclipse totale; Escargot; Corolles.

A suite Rotorelief foi extraída de um projecto com a duração de uma noite inteira encomendado pela Sociedade de Concertos Sueca e foi apresentada pela primeira vez no Museu de Arte Moderna de Estocolmo, em 2001.

COPYRIGHT © 2001, IVO NILSSON



## NUNO CÔRTE-REAL COMPOSITOR

1971

Nasceu em Lisboa e estudou música com Helena Pimentel (piano e solfejo), Fernando Eldoro (música de câmara), Piñero Nagy (guitarra clássica) e Carlos Fernandes (composição). Em 1995 concluiu o Curso Superior de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com, entre outros, Carlos Caires, Roberto Perez, Christopher Bochmann, António Pinho Vargas e António Sousa Dias (música electrónica). Viveu na Holanda durante os anos de 1996 a 2002, tendo concluído o Curso de Composição do Conservatório de Roterdão com os professores Klaas de Vries, Peter Yan Wagemans e Rene Uijlenhoet (música electrónica).

Paralelamente, estudou direcção de orquestra, primeiro como ouvinte, no Conservatório de Roterdão entre os anos de 1999 a 2001, com o maestro Jurjen Hempel e Jos van der Sijde, e depois na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, tendo frequentado o Curso Superior de Direcção de Orquestra com o maestro Jean-Marc Burfin. Desde 1997 que dirige regularmente obras de sua autoria.

Nuno Côrte-Real tem vindo a apresentar inúmeras composições em toda a Europa, Islândia, Estados Unidos e Brasil, como também tem recebido inúmeras encomendas de instituições como a Casa da Música, Festival Internacional de Música de Mafra, OrchestrUtopica, INATEL – Teatro da Trindade, Festival de Caldas da Rainha, Festival de Viana do Castelo, Centro Cultural de Belém, Drumming-Grupo de Percussão, entre outras. A Casa da Música e o Remix Ensemble incluíram no seu primeiro CD o bailado *Andarilhos*, obra co-encomendada em 2002 pela Casa da Música e Centro Cultural de Belém. Em Janeiro de 2005, apresentou em Torres Vedras o teatro musical *Imprevisível da Silva*, sobre a obra de Agostinho da Silva, espectáculo produzido pelo Teatro Cine da mesma cidade e onde exerceu a direcção artística do projecto.

Das estreias mais importantes destacam-se *7 Dances to the death of the harpist* na Kleine Zaal do Concertgebouw em Amsterdam, Holanda, *5 pequenas músicas de mar* na Purcel Room em Londres, Inglaterra, *Concerto Vedras* na St. Peter's Episcopal Church em Nova York, Estados Unidos, *Novíssimo Cancioneiro* em Reikiavik, Islândia, e em Portugal *Lua, canção de uma morte* na Culturgest em Lisboa, e *Rock-homenagem a Ligeti* na Casa da Música no Porto. Dos agrupamentos que têm tocado a sua música destacam-se Remix Ensemble, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra das Beiras, OrchestrUtopica, Royal Scottish Academy Brass, e solis-

tas e maestros como Stefan Asbury, Kaasper de Roo, Christoph König, Paul Crossley, John Wallace, David Alan Miller, Paulo Lourenço e Cesário Costa. A sua discografia inclui canções tradicionais portuguesas para coro misto nas editoras Portugal Som e Numérica, 5 *pequenas Músicas de Mar* para quinteto de metais na editora Deux-Elles, o bailado *Andarilhos* na editora Numérica em co-produção com a Casa da Música, e *Largo Intimíssimo* interpretado pelo Trio Mediterran na editora austríaca Classic Concert Records.

No mundo da ópera e do teatro, Nuno Côrte-Real trabalhou em Portugal com Paulo Matos, Margarida Bettencourt, Jorge Sequerra, Inês de Medeiros, Maria Emília Correia, Carlos Antunes, João Henriques e Beatriz Batarda, e adaptou para português as óperas de Marcos Portugal *L'Oro Non Compra Amore* e *As Bodas de Figaro* de W. A. Mozart. Em Junho e Setembro de 2007 Nuno Côrte-Real apresentou as óperas *A Montanha* e *O Rapaz de Bronze*, encomendas da Fundação Calouste Gulbenkian e Casa da Música, respectivamente.

Nuno Côrte-Real foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura entre os anos de 1999 a 2001, e durante o ano lectivo de 2004/2005 foi professor de Composição na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Em Março de 2006 foi convidado para realizar um seminário sobre a sua música na Universidade de Cincinnati nos Estados Unidos da América. Foi durante o ano de 2005 compositor residente da OrchestrUtopica em Portugal. É o fundador e director artístico do Ensemble Darcos, grupo que se dedica à interpretação de música clássica e contemporânea, e com o qual tem estreado várias obras de câmara. No ano de 2003 foi-lhe atribuída a medalha de Mérito Grau Prata da Câmara Municipal de Torres Vedras.

### **ELEGIA PARA PIANO E ENSEMBLE, OP 40 ENCOMENDA DA ORCHESTRUTOPICA**

2008

*Elegia, op. 40, nascida inicialmente da ideia de compor uma peça In Memoriam aos mártires da liberdade, representa, no plano pessoal do compositor, uma meditação sobre a temática do sacrifício humano, e a ambivalência com que este se manifesta em contextos de violência nas sociedades ditas civilizadas. Na figura do mártire coexiste a vítima e o criminoso, um paradoxo sempre legível no relativismo de cada ponto de vista. Será possível o mártirio voluntário? Haverá livre arbítrio num acto fanático? A ideia de inocência e o puro altruísmo perdem-se no entrelaçado confuso dos paradoxos político-religiosos e dos jogos de poder.*

*Esta ideia de ambivalência revela-se na obra através da utilização de dois tipos de materiais, evocativos de duas atmosferas distintas. Por um lado material mais consonante, como no tema lírico, doce e triste, quase uma canção de embalar, exposto no início pelo piano, e que remete para a ideia de um fundo matricial, algo de comum a todos os homens. Por outro lado, e por contraste, o uso de material onde predominam gestos*

*mais violentos, ritmos obsessivos ou texturas mais indefinidas dominadas pela dissonância, sugerindo um estranhamento ou uma ausência de fundo, alusivos aos espaços do medo e da morte. A consonância e a dissonância aparecem, assim, como elementos de expressão. A utilização do acorde perfeito menor, por exemplo, ocorre num contexto não tonal, mais como um acorde-objecto, com a sua identidade e cor próprias, que possibilitam uma determinada intenção expressiva. O mesmo se poderá dizer para os clusters. A unidade harmónica é conseguida através da derivação intervalar efectuada a partir de um acorde originário que assume uma função estrutural. O piano, apesar de ter uma função de solista, é tratado sem virtuosismo, mais como uma voz poética, como o instrumento de um canto materno.*

COPYRIGHT © 2008, AFONSO MIRANDA

## intérpretes



### **CESÁRIO COSTA** MAESTRO

Nasceu em 1970. Tem vindo a distinguir-se em Portugal como um dos mais activos maestros da sua geração.

Realizou os seus estudos musicais em Paris, onde concluiu o Curso Superior de Piano, e na Alemanha, onde completou com a nota máxima a Licenciatura e o Mestrado em Direcção de Orquestra na Escola Superior de Música de Würzburg, na classe do Prof. Hans-Rainer Foerster. Em 1997 foi o vencedor do III Concurso Internacional Fundação Oriente para Jovens Chefes de Orquestra. Nesse mesmo ano foi bolseiro do Festival de Música de Bayreuth.

Como maestro convidado, dirigiu a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Sinfónica de Nuremberga, Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Orchestra, o Ensemble für Neue Musik (Würzburg), a Arhus Sinfonietta (Dinamarca), a Orquestra Filarmónica da Macedónia, a Orquestra Filarmónica de Roma, a Filarmonia Sudecka (Polónia), a Filarmonia Rzeszów (Polónia), a Orquestra da Extremadura (Espanha), Orquestra Sinfónica de Liepaja (Letónia), o Plural Ensemble (Madrid), a Orquestra do Norte, a Filarmonia das Beiras, entre outras orquestras. Apresentou-se também em Espanha, França, Andorra, Alemanha, Escócia, Bélgica, Inglaterra, Itália, Dinamarca, Macedónia, Polónia, Malásia e Brasil.

Participou em inúmeros Festivais de Música, de que se destacam o Festival de Música Atlantic Waves (Londres), Aberdeen (Escócia), Arhus (Dinamarca), Neerpelt (Bélgica), Dresden (Alemanha), Murcia (Espanha), Estoril, Sintra, Póvoa do Varzim, Espinho, Leiria e Mafra.

O seu repertório estende-se do barroco ao contemporâneo, incluindo mais de sessenta obras em estreia absoluta. Colabora regularmente com o Teatro Nacional de S. Carlos, a Casa da Música (Porto), o Teatro da Trindade, o Teatro S. João, o Teatro São Luiz, o Centro Cultural de Belém, a Fundação de Serralves, entre outras instituições.

É professor na Universidade Católica Portuguesa e prepara o doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, sobre o maestro Pedro de Freitas Branco.

Foi agraciado com a medalha de mérito cultural pelo

Município de Vila Nova de Gaia. Foi vice-presidente do Jurí do Prémio Jovens Músicos.

Compromissos futuros incluem concertos na Roménia, Polónia e Letónia.

Actualmente é director artístico da Orquestra do Algarve e dos Concertos Promenade do Coliseu do Porto e maestro Titular da OrchestrUtopica.



© FÉLIX CARRO  
IMAGOPORTER.COM

### **PEDRO PINTO FIGUEIREDO**

MAESTRO

Nascido em Lisboa, o maestro Pedro Figueiredo concluiu o Curso Geral de Composição da Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, e o bacharelato em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Estudou composição com Constança Capdeville, com o professor e compositor Christopher Bochmann e com o compositor Emmanuel Nunes, com quem trabalhou em Paris onde realizou ainda, paralelamente, diversos cursos no IRCAM, tendo sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Da sua produção musical, salientam-se obras como *Germinal* para octeto de sopros e piano, *Wake* para clarinete e *Scindite* para clarinete baixo, contralto e orquestra de câmara. Tem tido como prioridade na sua pesquisa musical a utilização das novas tecnologias, principalmente no âmbito do tratamento do som em tempo real e da sua espacialização. Estreou, em 2002, a obra *Ser* para orquestra de cordas no Festival de Música contemporânea de Dunquerque, com a orquestra lírica da Opera de Paris.

Foi membro da Direcção Pedagógica da Escola de Música do Orfeão de Leiria. É ainda docente na ANSO (Academia Superior de Orquestra), onde lecciona Análise e Orquestração e na Escola de Música de Linda-a-Velha, e dirige um atelier de Música Contemporânea.

Em 1997 iniciou os estudos de Direcção de Orquestra no Conservatório de Dijon na classe do maestro Jean Sebastian Béreau, tendo conquistado, em 2002, a medalha de ouro do concurso de finalistas. Trabalhou também com o maestro Peter Rundel na área da direcção de música contemporânea.

É o maestro da Orquestra do Conservatório da Metropolitana, tendo dirigido também a Orquestra Sinfónica Juvenil e a Orquestra Jovens Músicos, foi responsável por um estágio de Direcção de Orquestra na ESART, e é responsável pela direcção do Estágio Internacional de Orquestra de Leiria na sua 5.ª edição.

Em 2002 iniciou os projectos Orquestra A2M – Arquivo da Memória Musical, e em 2003, o grupo de música contemporânea Ensemble 20/21. Em 2003 estreia-se em Portugal com a Orquestra Filarmonia

das Beiras, tendo desde então dirigido vários agrupamentos e orquestras de onde se salientam a Orquestra Gulbenkian, o Remix ensemble e a OrchestrUtopica.



## ANTÓNIO CARRILHO

FLAUTA DE BISEL

É um dos mais activos e reconhecidos intérpretes portugueses de flauta de bisel. Apresentou-se como solista com a Orquestra Gulbenkian, na estreia de *3 Consolations* para flauta de bisel e orquestra, de António Chagas Rosa; Orquestra Sinfonietta de Lisboa na estreia de *Pneuma* para flauta de bisel e cordas, de Ivan Moody; Ensemble Barroco do Chiado com concertos de A. Vivaldi e G. Ph. Telemann; *Madeira Camerata* com concertos para flauta e orquestra de cordas de A. Vivaldi; Orquestra do Conservatório Real de Haia, com o concerto para flauta de bisel e cordas, de Peter Lyne. Como músico em orquestra trabalhou com: a Orquestra do TNSC; Orquestra do Festival de Música d'Ambronay (França); Orquestra do Conservatório Real de Haia; Orquestra do Conservatório de Zwolle (Holanda e Bélgica). Colaborou com os maestros Sigiswald Kuijken, Lucas Pfaff, Jeppe Moulijn, Christoph Rousset, Manuel Morais, Nicholas Kranmer, Paulo Lourenço, Harry Christophers, Cesário Costa e Vasco Pearce de Azevedo. No campo da música contemporânea, vários são os compositores a escrever para António Carrilho, destacando-se, de Portugal, António Chagas Rosa, Eurico Carrapatoso, Nuno Côrte-Real, Clotilde Rosa, Ivan Moody; Jacques Bank e Annette Kruisbrink (Holanda); Ulf Krupka (Alemanha); Hanne Øravad (Dinamarca), Lucia Marbe (Roménia) e Bjarne Isaksen, Bernt Simen Lund (Noruega).

Tem, desde 1995, uma licenciatura em ensino de flauta de bisel pelo Conservatório Superior de Música de Zwolle, assim como obteve, em 1998, o diploma de solista pelo Conservatório Real de Haia. Foi aluno de Marion Verbruggen, Sebastian Marq, Michael Barker, Adrienne du Clou e Dorothea Winter. Como professor esteve ligado ao corpo docente do Conservatório Nacional de Lisboa, Conservatório Regional de Caldas da Rainha e Academia de Amadores de Música de Lisboa (1998-2000); Conservatório Real de Haia (1996-1998), Escola de Música Muziekpakhuis de Amsterdão (1995-1998), Stichting FEW de Wezep (1994-1995) – Holanda. É regularmente convidado a ministrar *master-classes* em Portugal e no estrangeiro. Foi professor assistente nos cursos de Música Antiga da Academia de Música Antiga de Lisboa (1996).



## ELISABETH DAVIS PERCUSSÃO

De nacionalidade inglesa, reside em Portugal desde 1989, data em que foi nomeada Timpanista Principal da Orquestra Régie Sinfonia do Porto. Desde 1993 ocupa a mesma posição na Orquestra Sinfónica Portuguesa, integrando também a OrchestrUtopica. Com estes agrupamentos tem-se apresentado em várias salas em Portugal, Inglaterra, Espanha, Alemanha, França e Macau.

É colaboradora frequente nos projectos musicais de João Paulo Santos (Le Marteau sans maitre de Boulez na Fundação Serralves, 2005) e de António Pinho Vargas. Deste último, tem apresentado a obra *Acting Out*, para percussão solo e orquestra, em festivais de música contemporânea no Porto, em Lisboa e na Finlândia.

É directora fundadora do grupo de percussão Rhythm Method, que apresentou o concerto final do Festival de Músicas Contemporâneas de Lisboa na Culturgest em 2000. Apresentou igualmente o concerto *Veni, Veni, Emanuel para percussão e orquestra* de James MacMillan.



## ELSA SILVA PIANO

Natural do Porto, Elsa Marques Silva iniciou os seus estudos musicais com a idade de seis anos na Academia de Música de Vilar do Paraíso.

Possui o grau de bacharelato da Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto, onde integrou a classe do professor Pedro Burmester. Concluiu, em 2000, o seu mestrado na Hartt School of Music da Universidade de Hartford, EUA, onde foi aluna do professor Luiz de Moura Castro. Frequentou várias *master-classes* internacionais sob a direcção de professores como Helena Sá e Costa, Dmitri Paperno, Vitalij Margulis, Boris Berezowsky, Tânia Achot, Nina Svetlanova e Peter Eicher, entre outros. É laureada de inúmeros concursos nacionais e internacionais.

Tocou como solista com a Orquestra Nacional do Porto, Orquestra do Norte, Orquestra do Algarve, Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim e a Remix – Orquestra de jovens, colaborando com maestros como Meir Minsky,

Ferreira Lobo, Osvaldo Ferreira, Nicholas Kok e Jean-Marc Burfin.

Realizou inúmeros recitais tanto a solo, como em formações de câmara, em Portugal, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos da América e Brasil. Gravou para a Númerica e para a RDP. Apresentou-se por diversas vezes como artista convidada com o Remix-Ensemble Casa da Música e com a Orquestra Nacional do Porto. É membro da OrchestrUtopica e da Camerata Senza Misura.

Foi bolseira da Hartt School of Music e do Evelyn Bonar Storrs Scholarship Fund.

Exerce actualmente funções de acompanhadora das classes de clarinete da ESMAE, é professora na Academia de Música de Vilar do Paraíso e na Escola Municipal de Música da Póvoa de Varzim.



## KATHARINE RAWDON FLAUTAS

Nascida na Califórnia, reside em Portugal desde 1988. Desde 1993 é flautista co-principal da Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP). Tem-se apresentado como solista na flauta e no flautim à frente de orquestras como a OSP, a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra Nacional de Porto, com um repertório que vai desde os clássicos de Bach, Vivaldi e Mozart até Pierre Boulez, com destaque ainda para o *Concerto para flauta* de Alexandre Delgado.

Integra a ORCHESTRUTOPICA, um dos mais importantes agrupamentos para apresentação de obras de compositores vivos portugueses, com a qual tem actuado em vários festivais em Portugal, incluindo na abertura da Casa de Música no Porto e ciclos de concertos na Culturgest, e digressões ao estrangeiro: concertos em Dresde e no South Bank Center de Londres.

Foi premiada no concurso New York Artists International; foi bolseira da Thomas J. Watson Foundation; e foi membro da Tanglewood Fellowship Orchestra, onde tocou sob a direcção de Leonard Bernstein e Kurt Masur.



## NUNO PINTO CLARINETE

Nasceu em Vila Real em 1976 e fez os seus estudos de clarinete com Saul Silva e António Saiote e aper-

feçou-se com Michel Arrignon e Alain Damiens. Em Portugal, França e Áustria frequentou *master-classes* orientadas pelos clarinetistas Guy Dangain, Walter Boeykens, Howard Clug, António Saiote, Michel Arrignon, Robert Fontaine e Alois Brandhofer.

Músico completo, é intérprete de vários estilos musicais e tem participado em inúmeros festivais de música em Portugal e no estrangeiro. Nuno Pinto tem dedicado uma grande parte do seu trabalho à música de câmara e à música contemporânea.

É membro fundador dos grupos de câmara Camerata Senza Misura, Trivm de Palhetas e Clarinetes Ad Libitum e tem colaborado, entre outros, com o Moscow Piano Quartet, o Ensemble Contrapunctus, o Ensemble Português de Clarinetes e os Quartetos de Cordas de Lisboa, Aveiro e Lyra. É ainda membro da OrchestrUtopica, do Grupo Música Nova e do Sond'Ar-te Electric Ensemble.

Enquanto clarinetista, esteve presente em estreias de obras de compositores como Cândido Lima, Christopher Bochmann, António Vitorino d'Almeida, Carlos Guedes, Virgílio Melo, Carlos Azevedo, Fernando C. Lapa, José Júlio Lopes, Nuno Côrte-Real, Ivan Moody, Carlos Caires, António Sousa Dias, Miguel Azguime, Moritz Eggert, João Madureira, Johannes Motschmann, Luís Antunes Pena, entre muitos outros.

É dedicatário de obras de Cândido Lima, Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Ricardo Ribeiro e Virgílio Melo. Foi solista com a Orquestra Clássica do Porto, Orquestra do Norte, Solistas do Porto, Orquestra de Câmara Musicare, Orquestra Artave e European Medical Students Orchestra. Colaborou ainda com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Nacional do Porto.

Nuno Pinto é professor de Clarinete e de Música de Câmara na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, no Porto, e na Fundação Conservatório Regional de Gaia. Para além disso, é convidado regularmente para orientar cursos de aperfeiçoamento, *workshops* e *master-classes* um pouco por todo o país.

Com o grupo Clarinetes Ad Libitum gravou, em 2006, o disco *Contradanza* e participou, em 2007, com o grupo Camerata Senza Misura no filme *A Terra antes do Céu*, de João Botelho.



## SOFIA NORTON FLAUTA DE BISEL

É licenciada em Comunicação Social (UNL) e possui uma pós-graduação em Interpretação Simultânea. Vem desenvolvendo uma intensa actividade musical como instrumentista, coralista, maestrina e professora de

música. Fez o Curso Geral de Guitarra no Conservatório Nacional de Lisboa, em 1985, e, posteriormente, o Curso Geral de Composição. Em 1990, terminou, na mesma escola, o Curso de Flauta de Bisel, sob a orientação de Catarina Latino. Em 1993, estudou flauta de bisel na Bélgica com Frédéric de Roos, Mieke van Wendingen e Patrick Denecker; e música medieval, em Antuérpia. Apresentou-se como flautista em concerto na obra *Gottes Zeit*, de J. S. Bach, entre outras. Em 1997, obteve o diploma do Curso Superior de Flauta de Bisel da ESML.

Em 1987, fundou o grupo Canora Turba. Pertence ao grupo L'Antica Musica, de que é fundadora, tendo-se já apresentado em concerto por diversas vezes. Em 2000, participou numa digressão ao Brasil, como flautista, com o Orfeão de Leiria. Apresentou-se em vários concertos em Portugal. Em 1998, estreia a obra *Magnificat em Talha Dourada*, de Eurico Carrapatoso. Como flautista, realizou inúmeros concertos pelo país integrados em vários festivais. Participa na gravação de vários CD (tanto como flautista, como com coro). Entre 1984 e 1987 cantou no Coro de Câmara de Lisboa, sob a direcção de Teresita Marques, tendo participado na Europa Cantat, em Estrasburgo, onde cantou a *Cantata de São Nicolau* de Britten. Com este grupo fez ainda uma digressão aos Estados Unidos em 1987. Pertenceu também ao Coro Ricercare. Dirige o Coro Scherzo, que fundou em 1994. Na temporada do TNSC de 1979/1980 cantou nas óperas *La Bohème*, de Pucini, *O Cavaleiro da Rosa*, de Strauss, *Wozzek*, de Alban Berg e *Parsifal*, de Wagner.



## ULRIKA BODÉN SOPRANO

É uma das mias conhecidas e populares cantoras *folk* suecas. Nasceu em 1974 em Helgum, Ångermanland, no norte da Suécia.

Quando tinha dezassete anos ouviu pela primeira vez música *folk* tradicional sueca e, desde aí, a sua paixão por este género tem sempre crescido. Ulrika Bodén é fundadora do grupo Ranarim (1998), que toca música tradicional e música original. O grupo tem tido grande sucesso em festivais e tem feito concertos por toda a Europa e EUA, Japão e América do Sul. O terceiro álbum do grupo, *Morgonstjärna – Morningstar*, lançado em 2006 foi nomeado para os Grammis suecos e ganhou o Prémio Manifest como melhor CD de *folk/world music* do ano.

Nos seus dois CD a solo – *Välje å vrake* (2001) e *Rätt nu är det på tiden* (2004) – apresentou um repertório praticamente desconhecido, oriundo da região onde nasceu, canções que aprendeu através dos mais velhos nas terras de Ångerman. Estas belas canções são a base do repertório a solo de Ulrika Bodén.

Em 2008, a compositora Karin Rehnqvists escreveu para a sua voz uma nova peça intitulada *Where the raven blanches*, numa encomenda da Orchestrutopica, da Nordic Chamber Orchestra e do ensemble Bit20.



## SOFIA SANDÉN SOPRANO

Ganhou por direito próprio um lugar destacado no panorama da música *folk* sueca. Nasceu em Leksand, com raízes profundas na música *folk* tradicional de Siljan. Sofia tem tido um enorme sucesso na Suécia, assim como no estrangeiro, integrada nos agrupamentos Ranarim e Rosenbergs Sjuva, dois grupos caracterizados por apresentarem canções *folk* polifónicas. Foi muito notada durante a celebração da Televisão Nacional Sueca, este ano, transmitida em directo de Leksand.

O seu primeiro CD a solo acabou de ser lançado, com o título *Courage*.

## ORCHESTRUTOPICA

A ORCHESTRUTOPICA (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e o maestro Cesário Costa – foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Sete anos depois já realizou mais de sessenta concertos – em Portugal e no estrangeiro, tendo vindo a afirmar-se como um agrupamento de referência na música contemporânea em Portugal. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamados a participar em fóruns abertos com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abran-



gente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

A OU tem apresentado inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A ORCHESTRUTOPICA beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/Instituto das Artes (2005/2008) e, desde a temporada de 2006/2007, é **orquestra em residência no CCB**.

### MÚSICOS

**Katharine Rawdon** flauta, **Laura Marques** oboé, **Nuno Pinto\*** e **Luís Gomes** clarinete, **Rita Nunes** saxofone soprano, **David Harrison** fagote, **Paulo Guerreiro** trompa, **António Quitalo** trompete, **Hugo Assunção** trombone, **Elisabeth Davis** e **Richard Buckley** percussão, **Stafanie Manzo** harpa, **Elsa Silva** piano, **Xuan Du**, violino I, **Vitor Vieira** violino II, **Cecliu Isfan** viola, **Teresa Valente Pereira** e **Jed Barahal\*** violoncelo, **Petio Kalomensky** contrabaixo.

\* CONCERTO 1 E 2

## FESTIVAL IN EXTREMIS

69, 70, 71.º CONCERTOS  
 PRODUÇÃO CONJUNTA CCB / ORCHESTRUTOPICA  
 PRODUÇÃO EXECUTIVA ORCHESTRUTOPICA / ÉLIO CORREIA  
 CONTEÚDOS JOSÉ JÚLIO LOPES  
 TRADUÇÕES SOFIA NORTON, JOSÉ JÚLIO LOPES  
 CRÉDITOS DA OU E / OU DOS AUTORES IDENTIFICADOS  
 FESTIVAL IN EXTREMIS © (INCLUINDO TEXTOS), 2008,  
 ORCHESTRUTOPICA ACSFL

A ORCHESTRUTOPICA DESEJA TORNAR PÚBLICO O SEU AGRADECIMENTO A  
 DR. CARLOS PONTES LEÇA, KARIN REHNQVIST,  
 ANNE-CHRISTINE BERG (STIM), GUSTAV BERGEL (STIM),  
 MIGUEL AZGUIME,  
 SERVIÇO DE MÚSICA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN,  
 FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM,  
 STIM – THE SWEDISH PERFORMING RIGHTS SOCIETY.

## ORCHESTRUTOPICA

DIRECTOR JOSÉ JÚLIO LOPES  
 DIRECTOR MUSICAL CESÁRIO COSTA  
 PRODUÇÃO ÉLIO CORREIA  
 PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL PAULA GOMES RIBEIRO  
 PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL ANDRÉ SÁ MACHADO  
 MAESTROS CONVIDADOS YU FENG (RPC), DAVID ALLEN MILLER (EUA),  
 JOANA CARNEIRO (POR), ODALINE DE LA MARTINEZ (GB), TAPIO TUOMELA (FIN),  
 FABIÁN PANISELLO (ARG), JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU (FR), OLIVIER CUENDET (SUI),  
 PEDRO PINTO FIGUEIREDO (POR), PEDRO AMARAL (POR)  
 SOLISTAS CONVIDADOS ANA ESTER NEVES, SOPRANO (POR),  
 NICOLE TIBBELS, SOPRANO (GB), FREDRIK BURSTEDT, VIOLINO (SE),  
 YEREE SUH, SOPRANO (COR-S), MONIQUE KRÜS, SOPRANO (NL),  
 GUILLAUME GROSBARD, VIOLONCELO, CHRISTOPH ANDERS, RECITANTE (GER)  
 COMPOSITOR-RESIDENTE > JOÃO MADUREIRA (2004),  
 NUNO CÔRTE-REAL (2005).

A ORCHESTRUTOPICA É UMA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SEM FINS LUCRATIVOS  
 COPYRIGHT © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 E 2008,  
 ORCHESTRUTOPICA E ANTÓNIO PINHO VARGAS, CARLOS CAIRES,  
 CESÁRIO COSTA, JOSÉ JÚLIO LOPES E LUÍS TINOCO  
 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
 O LOGOTIPO E A DESIGNAÇÃO ORCHESTRUTOPICA  
 SÃO PROPRIEDADE DA ORCHESTRUTOPICA ACSFL  
 A ORCHESTRUTOPICA É UMA ESTRUTURA APOIADA FINANCIERAMENTE PELA  
 DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES – MINISTÉRIO DA CULTURA  
 (2003, 2004, 2005/2008)

CONTACTOS  
 LARGO DO CARMO, 18 – 1.º ESQ | 1200-092 LISBOA | PORTUGAL  
 T & F + 351 213 474 148  
 E-MAIL ORCHESTRUTOPICA@NOVASCENAS.PT  
 WWW.NOVASCENAS.PT/ORCHESTRUTOPICA



### CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO  
 ANTÓNIO MEGA FERREIRA (PRESIDENTE)  
 ANA ISABEL TRIGO MORAIS (VOGAL)  
 MARGARIDA VEIGA (VOGAL)

CENTRO DE ESPECTÁCULOS  
 DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO  
 ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVERNA  
 SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS FERNANDES  
 DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ  
 PRODUÇÃO PAULO BARBOSA, JOÃO OLIVEIRA, INÉS CORREIA,  
 PATRÍCIA SILVA, HUGO CORTEZ  
 ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO  
 DIRECTOR DE CENA ROSÁRIO VALE  
 DIRECÇÃO DE CENA JONAS OMBERG, JOSÉ VALÉRIO, PEDRO RODRIGUES,  
 CLÁUDIA BELCHIOR, PATRÍCIA COSTA  
 SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA JOLANDA SEARA  
 DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRACA  
 CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO  
 SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS  
 TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS, LUÍS SANTOS, RAUL SEGURO  
 TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO, F. CÂNDIDO SANTOS, VÍTOR PINTO,  
 CÉSAR NUNES, JOSÉ CARLOS ALVES, HUGO CAMPOS, MÁRIO SILVA,  
 RICARDO MELO, RODRIGO OLIVEIRA, RUI CROÇA  
 CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO  
 TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO, EDUARDO NASCIMENTO, LUÍS GARCIA SANTOS,  
 NUNO BIZARRO, PAULO CACHEIRO, NUNO RAMOS, J. PAULO SANTANA  
 CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMARLY  
 TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA, LUÍS TEIXEIRA, VÍTOR HORTA



**DE 11 A 13 DE JULHO**

# **MÚSICA PORTUGUESA, HOJE**

**LUÍS TINOCO ANTÓNIO PINHO VARGAS  
JOLY BRAGA SANTOS ALEXANDRE DELGADO  
FERNANDO LAPA EURICO CARRAPATOSO  
FERNANDO LOPES-GRAÇA JORGE PEIXINHO  
SÉRGIO AZEVEDO MANUEL MARCELINO  
NUNO CÔRTE-REAL CARLOS MARECOS  
ANA SEARA JOSÉ JÚLIO LOPES JOÃO MADUREIRA  
PEDRO AMARAL MIGUEL AZGUIME  
JOSÉ EDUARDO ROCHA FRANCISCO MONTEIRO  
CLOTILDE ROSA HUGO RIBEIRO  
EMMANUEL NUNES PEDRO AMARAL  
JOÃO PEDRO OLIVEIRA ANTÓNIO CHAGAS ROSA  
JOÃO MIGUEL PAIS LUÍS PENA RUI RODRIGUES  
EMMANUEL NUNES JOÃO DOMINGOS BONTEMPO  
JOSÉ LUÍS FERREIRA ISABEL PIRES CÂNDIDO LIMA  
ANTÓNIO SOUSA DIAS LUME BIG BAND  
ORQUESTRA METROPOLITANA ORCHESTRUTOPICA  
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA  
THE LEGENDARY TIGER MAN CAMANÉ  
BERNARDO SASSETTI MÁRIO LAGINHA  
CARLOS BICA JOÃO PAULO PETER EPSTEIN  
RICARDO DIAS SEI MIGUEL FALA MARIAM  
CÉSAR BURAGO PEDRO LOURENÇO  
JOÃO CASTRO PINTO ERNESTO RODRIGUES QUINTETO  
POCKETBOOK OF LIGHTNING MICRO AUDIO WAVES  
ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS MARK TURNER  
ANDRÉ FERNANDES NELSON CASCAIS  
ALEXANDRE FRAZÃO RODRIGO AMADO  
KENT KESSLER PAAL NILSSEN-LOVE RAFAEL TORAL  
SPACE TRIO CARLOS ZÍNGARO  
JOHN BUTCHER GUNTER MULLER**

**O CCB PREPARA-SE PARA MAIS  
UM FIM-DE-SEMANA EM CHEIO.  
É TEMPO DE CELEBRAR A MÚSICA PORTUGUESA:  
OS COMPOSITORES, AS OBRAS, OS MÚSICOS.  
VENHA FESTEJAR CONNOSCO!**